

O MARAVILHOSO MÁGICO DE



L. FRANK BAUM
O MARAVILHOSO
MÁGICO
DE



Tradução
Laura Folgueira


Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
The wonderful wizard of Oz

Produção editorial
Ciranda Cultural

Texto
L. Frank Baum

Diagramação
Linea Editora

Tradução
Laura Folgueira

Design de capa
Ciranda Cultural

Preparação
Lindsay Viola

Imagens
welburnstuart/Shutterstock.com;
Juliana Brykova/Shutterstock.com;
shuttersport/Shutterstock.com

Revisão
Agnaldo Alves

Texto publicado integralmente no livro *O maravilhoso Mágico de Oz*, em 2019, na edição em brochura pela Ciranda Cultural. (N.E.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

B347m Baum, L. Frank

O maravilhoso mágico de Oz / L. Frank Baum ; traduzido por Laura Folgueira. - Jandira : Principis, 2021.
128 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Terra de Oz ; v.1)

Tradução de: The wonderful wizard of Oz
ISBN: 978-65-5552-349-2

1. Literatura infantojuvenil. 2. Romance. 3. Literatura americana.
I. Folgueira, Laura. II. Título. III. Série.

2021-1312

CDD 028.5

CDU 82-93

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

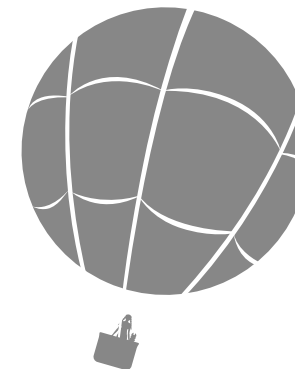
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

O ciclone.....	7
O conselho dos Munchkins.....	10
Como Dorothy salvou o Espantalho.....	16
A estrada que cruzava a floresta	22
O resgate do Homem de Lata	27
O Leão Covarde	33
A jornada até o Grande Oz	38
O campo de papoulas mortais	43
A Rainha dos Ratos do Campo.....	49
O Guardião dos Portões	54
A maravilhosa Cidade de Oz	60
A busca pela Bruxa Má.....	70
O resgate	80
Os Macacos Alados	84
A descoberta de Oz, o Terrível	90
A mágica arte do grande farsante.....	98
Como o balão foi lançado.....	102
O caminho ao Sul	105
O ataque das Árvores que Lutam	109

O frágil País de Porcelana.....	113
O Leão se torna o Rei da Selva.....	118
O país dos Quadlings.....	121
Glinda, a Bruxa Boa, concede o desejo de Dorothy.....	124
De volta em casa.....	128



O CICLONE

Dorothy vivia feliz em meio às enormes pradarias do Kansas, com o tio Henry, que era fazendeiro, e a tia Em. A casa deles era pequena, pois a madeira para construí-la tinha de ser transportada em carroça por muitos quilômetros. Havia quatro paredes, um piso e um teto, compondo um cômodo; esse cômodo tinha um fogão que parecia enferrujado, um armário para a louça, uma mesa, três ou quatro cadeiras e as camas. O tio Henry e a tia Em dividiam uma cama grande que ficava em um canto, e Dorothy tinha uma cama pequena em outro canto. Não havia nada parecido com um sótão, nem porão, exceto um pequeno buraco cavado no solo, chamado de porão de ciclone, onde a família podia se abrigar caso chegasse um daqueles gigantes redemoinhos poderosos o bastante para destruir qualquer construção em seu caminho. De um alçapão no meio do piso, uma escada descia até o pequeno buraco escuro.

Quando parava na porta e olhava ao redor, Dorothy só conseguia ver a grande pradaria cinzenta por todos os lados. Nenhuma árvore ou casa quebrava a ampla vastidão de planície que chegava ao horizonte em todas as direções. O sol tinha queimado a terra cultivada até ela virar uma massa sem cor, com pequenas rachaduras por toda a superfície. Nem a grama era mais verde, pois o sol havia torrado o topo das folhas longas

até elas ficarem do mesmo cinza de todo o resto. A casa tinha sido pintada uma vez, mas o sol fizera bolhas na tinta e as chuvas a lavaram, e agora a construção era tão tediosa e cinza quanto todo o resto.

Tia Em era jovem e bonita quando foi viver ali. O sol e o vento também a tinham mudado, tirando o brilho de seus olhos e deixando-os com um cinza sombrio; tinham levado o rosa de suas bochechas e de seus lábios, agora também cinzas. Ela era magra e seca, e não sorria mais. Na época em que Dorothy, órfã, chegou, a tia Em ficava tão surpresa com a risada da criança que gritava e colocava a mão no coração sempre que a voz alegre alcançava seus ouvidos, e olhava para a menina maravilhada por ela conseguir achar algo para rir.

O tio Henry nunca ria. Trabalhava duro de manhã até à noite e não sabia o que era alegria. Também era cinzento, de sua barba longa até suas botas grosseiras, parecia sério e solene, e quase não falava.

Era Totó que fazia Dorothy rir e impedia que ela ficasse tão cinza quanto tudo à sua volta. Totó não era cinza; era um cachorrinho preto, com pelo longo e sedoso, e pequenos olhos negros que brilhavam alegremente nas laterais de seu narizinho engraçado. Totó brincava o dia todo, e Dorothy, que o amava muito, brincava junto.

Naquele dia, porém, não estavam brincando. O tio Henry estava sentado na soleira olhando ansioso para um céu ainda mais cinzento do que o normal. Dorothy parou à porta com Totó no colo e também mirou o céu. A tia Em estava lavando a louça.

Do extremo norte, o tio Henry e Dorothy ouviram um lamento baixo do vento e conseguiram ver o lugar onde a grama alta se curvava diante da tempestade iminente. Então, houve um assóvio agudo no ar vindo do sul e, quando voltaram os olhos para aquela direção, viram ondulações na grama.

De repente, o tio Henry se levantou.

– Está chegando um ciclone, Em – avisou à esposa. – Vou dar uma olhada nos estoques.

Então, correu para os galpões onde ficavam as vacas e os cavalos.

A tia Em abandonou o trabalho e foi até a porta. Um olhar lhe mostrou o perigo próximo.

– Rápido, Dorothy! – gritou ela. – Corra para o porão!

Totó pulou dos braços de Dorothy e se escondeu embaixo da cama. Tia Em, com muito medo, abriu o alçapão no piso e desceu a escada para o buraco escuro. Dorothy enfim pegou Totó e começou a seguir a tia. Quando já tinha atravessado metade do cômodo, o vento gritou alto e a casa tremeu tanto que ela se desequilibrou e caiu sentada no chão.

Então, algo estranho ocorreu.

A casa girou duas ou três vezes e lentamente pairou no ar. Dorothy sentiu como se estivesse subindo num balão.

Os ventos norte e sul se encontraram no lugar em que ficava a construção, criando o centro exato do ciclone. No meio de um ciclone, o ar em geral é parado, mas a grande pressão do vento dos dois lados da casa a fez subir cada vez mais, até estar no topo do ciclone; ali ela ficou, sendo carregada por quilômetros e quilômetros com a leveza de uma pena.

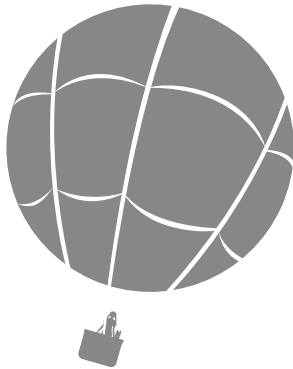
Estava muito escuro e o vento uivava de forma horrível ao redor dela, mas Dorothy percebeu que estava se movendo com bastante facilidade. Fora as primeiras voltas e uma outra vez em que a casa virou demais, ela se sentia sendo balançada gentilmente, como um bebê num berço.

Totó não gostou. Corria pelo cômodo, agora aqui, depois ali, latindo alto; mas Dorothy ficou sentada no chão, esperando para ver o que aconteceria.

Em algum momento, Totó chegou perto demais do alçapão e caiu; e, na hora, a menina achou que o tinha perdido. Mas logo viu uma das orelhas dele saindo pelo buraco, pois a forte pressão do ar estava segurando o bichinho, de modo que ele não caía. Ela engatinhou até o buraco, pegou Totó pela orelha e o arrastou de volta para a sala, fechando a porta para não haver mais acidentes.

Horas e horas se passaram, e lentamente Dorothy superou o medo; mas se sentia muito sozinha, e o vento gritava tão alto ao seu redor que ela quase ficou surda. No início, ela se perguntou se seria destruída em pedacinhos quando a casa caísse de novo, mas conforme as horas correram e nada de terrível aconteceu, ela parou de se preocupar, decidindo esperar calmamente e ver o que o futuro traria. Por fim, engatinhou pelo chão até sua cama, onde se deitou; Totó a seguiu e deitou ao lado dela.

Apesar do balanço da casa e do barulho do vento, Dorothy logo fechou os olhos e caiu no sono.



O CONSELHO DOS MUNCHKINS

Dorothy foi acordada por um choque tão repentino e severo que, se não estivesse deitada na cama macia, podia ter se machucado. Acabou que o chacoalhão a fez perder o fôlego e se perguntar o que tinha acontecido; e Totó colocou seu narizinho frio no rosto dela e choramingou tristemente. Dorothy se sentou e notou que a casa não estava mais se movendo; também não estava escuro, pois um sol brilhante entrava pela janela, enchendo a salinha. Ela pulou da cama e, com Totó em seu encaço, correu para abrir a porta.

A garotinha deu um grito de surpresa e olhou ao redor, seus olhos se abriam cada vez mais com as visões maravilhosas.

O ciclone tinha deixado a casa com muito cuidado, para um ciclone, no meio de um lugar de belezas maravilhosas. Havia adoráveis gramados verdes por todo lado, com árvores majestosas carregando frutos ricos e suculentos. Muitas flores lindas estavam em todo lugar, e pássaros com plumagem rara e brilhante cantavam e batiam as asas nas árvores e nas moitas. Um pouco mais para lá, um riachinho corria e brilhava entre margens verdes, murmurando numa voz muito agradável a uma garotinha que há tanto tempo vivia em pradarias secas e cinzentas.

Enquanto estava lá parada olhando avidamente para as paisagens estranhas e belas, ela notou vindo em sua direção um grupo das pessoas

mais estranhas que já vira na vida. Não eram grandes como os adultos com quem sempre estivera acostumada, mas também não eram muito pequenos. Na verdade, pareciam mais ou menos do tamanho de Dorothy, que era uma criança bem crescida para sua idade, embora fossem, pelo menos na aparência, muitos anos mais velhos.

Eram três homens e uma mulher, todos vestidos de uma forma estranha. Usavam chapéus redondos que culminavam numa ponta fina, com sininhos na borda tilintando docemente enquanto se moviam. Os chapéus dos homens eram azuis; o da pequena mulher, branco, e ela usava uma veste branca que caía dos ombros em um plissado. Por cima, estavam espalhadas estrelinhas que brilhavam ao sol como diamantes. Os homens estavam vestidos de um azul do mesmo tom do chapéu e calçavam botas bem engraxadas com um tom azul bem escuro no topo do cano. Eles, pensou Dorothy, eram mais ou menos da idade do tio Henry, pois dois deles tinham barba. Mas a pequena mulher sem dúvida era muito mais velha. O rosto dela estava coberto de rugas, o cabelo era quase branco e ela caminhava bastante dura.

Quando essas pessoas se aproximaram da casa, onde Dorothy estava em frente à porta, pausaram e sussurraram entre si, como se tivessem medo de chegar mais perto. Mas a velhinha foi até Dorothy, fez uma profunda reverência e disse, numa voz doce:

– Bem-vinda, mais nobre das feiticeiras, à terra dos Munchkins. Somos muito gratos a você por ter matado a Bruxa Má do Leste e por libertar nosso povo da servidão.

Dorothy ouviu esse discurso impressionada. O que a mulher podia querer dizer ao chamá-la de feiticeira e falar que ela tinha matado a Bruxa Má do Leste? Dorothy era uma garotinha inocente e inofensiva que tinha sido carregada por um ciclone a muitos quilômetros de casa, e nunca havia matado ninguém na vida toda.

Mas a mulher evidentemente esperava que ela respondesse; então, Dorothy disse, com hesitação:

– A senhora é muito gentil, mas deve haver algum engano. Não matei ninguém.

– Mas sua casa matou – respondeu a velhinha, com uma risada –, e é a mesma coisa. Olhe! – continuou, apontando para a quina da casa. – Lá estão os dois pés dela, ainda visíveis debaixo de um bloco de madeira.

Dorothy olhou e deu um gritinho de medo. Lá, de fato, logo abaixo da quina do grande pilar que sustentava a casa, havia dois pés de fora, protegidos por sapatos prateados de bico fino.

– Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! – gritou Dorothy, juntando as mãos em consternação. – A casa deve ter caído nela. O que vamos fazer?

– Não há nada a ser feito – falou a mulher, calmamente.

– Mas quem era ela? – perguntou Dorothy.

– Era a Bruxa Má do Leste, como eu disse – respondeu a mulher. – Subjugou os Munchkins por muitos anos, escravizando-os noite e dia. Agora, todos estão livres e são gratos a você pelo favor.

– Quem são os Munchkins? – quis saber Dorothy.

– São as pessoas que moram nesta Terra do Leste que a Bruxa Má governava.

– Você é uma Munchkin? – perguntou Dorothy.

– Não, mas sou amiga deles, embora more na Terra do Norte. Quando viram que a Bruxa Má do Leste estava morta, os Munchkins mandaram um mensageiro ágil até mim, e vim na mesma hora. Sou a Bruxa do Norte.

– Ah, puxa! – exclamou Dorothy. – Você é uma bruxa de verdade?

– Sim, de fato – respondeu a mulher. – Mas sou uma bruxa boa, e as pessoas me amam. Não sou tão poderosa quanto a Bruxa Má que governava aqui, senão, teria eu mesma libertado a população.

– Mas pensei que todas as bruxas fossem más – falou a garota, que estava com medo de enfrentar uma bruxa de verdade.

– Ah, não, é um enorme engano. Só havia quatro bruxas em toda a Terra de Oz, e duas delas, as que vivem no Norte e no Sul, são boas. Sei que isso é verdade, pois eu mesma sou uma delas e não posso estar errada. As que habitam o Leste e o Oeste eram, de fato, bruxas más; mas agora que você matou uma delas, há apenas uma bruxa má em toda a Terra de Oz. Aquela que vive no Oeste.

– Mas – contestou Dorothy, após pensar por um instante – a tia Em me disse que todas as bruxas tinham morrido há muitos e muitos anos.

– Quem é tia Em? – perguntou a velhinha.

– É minha tia que mora no Kansas, de onde eu vim.

A Bruxa do Norte pareceu pensar por um tempo, com a cabeça baixa e os olhos no chão. Então, olhou para cima e falou:

– Não sei onde é o Kansas, pois nunca ouvi essa terra ser mencionada antes. Mas, diga-me, é um lugar civilizado?

– Ah, sim – respondeu Dorothy.

– Então, é isso. Em terras civilizadas, acredito que não haja mais bruxas, nem magos, nem feiticeiras, nem mágicos. Mas, veja, a Terra de Oz nunca foi civilizada, pois estamos isolados do resto do mundo. Portanto, ainda temos bruxas e mágicos entre nós.

– Quem são os mágicos? – perguntou Dorothy.

– O próprio Oz é o Grande Mágico – respondeu a bruxa, abaixando a voz a um sussurro. – Ele é mais poderoso que todos nós juntos. Mora na Cidade das Esmeraldas.

Dorothy ia fazer mais uma pergunta, mas naquele momento os Munchkins, que estavam parados por ali em silêncio, deram um grito alto e apontaram para a quina da casa onde estava a Bruxa Má.

– O que foi? – quis saber a mulher, que olhou e começou a rir. Os pés da bruxa morta tinham desaparecido inteiramente, sobrando só os sapatos prateados.

– Ela era tão velha – explicou a Bruxa do Norte –, que secou rápido no sol. É o fim dela. Mas os sapatos prateados são seus, e você deve usá-los.

Ela se abaixou, pegou os sapatos, sacudiu a poeira deles e entregou-os a Dorothy.

– A Bruxa do Leste tinha orgulho desses sapatos prateados – contou um dos Munchkins –, e há alguma magia conectada a eles; mas nunca soubemos qual.

Dorothy levou os sapatos para dentro da casa e os colocou sobre a mesa. Aí, voltou aos Munchkins e falou:

– Estou ansiosa para reencontrar minha tia e meu tio, pois tenho certeza de que vão se preocupar comigo. Podem me ajudar a encontrar o caminho?

Os Munchkins e a bruxa olharam primeiro uns para os outros e depois para Dorothy, antes de balançarem a cabeça.

– No Leste, não muito longe daqui – disse um deles –, há um grande deserto, e ninguém sobreviveu ao tentar atravessá-lo.

– O mesmo no Sul – falou outro –, pois já fui lá e vi. O Sul é o país dos Quadlings.

– Alguém me contou – continuou o terceiro – que no Oeste é igual. E aquela terra, onde vivem os Winkies, é governada pela Bruxa Má do Oeste, que pode torná-la sua escrava ao passar por ela.

– O Norte é meu lar – disse a velha –, e em sua fronteira há o mesmo grande deserto que cerca esta Terra de Oz. Temo, minha querida, que terá de viver conosco.

Dorothy começou a soluçar por isso, pois sentia-se solitária entre aqueles estranhos. As lágrimas dela pareceram tocar os Munchkins bondosos, que imediatamente pegaram seus lençinhos e também começaram a chorar. Quanto à velhinha, tirou o chapéu e o equilibrou na ponta do nariz, enquanto contava “um, dois, três” numa voz solene. Imediatamente, o chapéu se transformou num quadro no qual estava escrito com grandes letras de giz branco:

FAÇA DOROTHY IR À CIDADE DAS ESMERALDAS

A velhinha tirou o quadro do nariz e, tendo lido as palavras nele, perguntou:

– Seu nome é Dorothy, minha querida?

– Sim – respondeu a menina, olhando para cima e secando as lágrimas.

– Então, deve ir à Cidade das Esmeraldas. Talvez Oz a ajude.

– Onde fica essa cidade? – perguntou Dorothy.

– Fica exatamente no centro do país, e é governada por Oz, o Grande Mágico de quem falei.

– Ele é um bom homem? – quis saber a garota, ansiosa.

– É um bom mágico. Se é ou não um homem, não sei dizer, pois nunca o vi.

– Como posso chegar lá? – indagou Dorothy.

– Precisa caminhar. É uma longa jornada, por uma terra às vezes agradável e às vezes sombria e terrível. Mas usarei todas as artes mágicas que conheço para protegê-la do perigo.

– Não pode ir comigo? – pediu a garota, que tinha começado a considerar a velhinha sua única amiga.

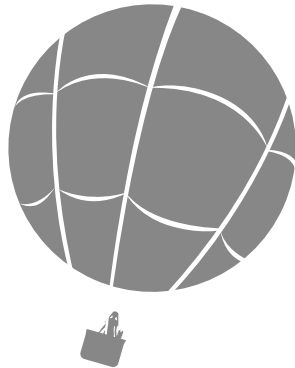
– Não, não posso fazer isso – respondeu ela –, mas lhe darei meu beijo, e ninguém ousaria machucar uma pessoa que foi beijada pela Bruxa do Norte.

Ela chegou perto de Dorothy e a beijou suavemente na testa. No lugar em que tocaram a garota, seus lábios deixaram uma marca redonda e brilhante, como Dorothy descobriu logo depois.

– A estrada até a Cidade das Esmeraldas é pavimentada com tijolos amarelos – disse a Bruxa –, então é fácil de ver. Quando chegar até Oz, não tenha medo dele, conte sua história e peça para ele ajudá-la. Adeus, minha querida.

Os três Munchkins fizeram uma grande reverência e desejaram uma boa jornada, e depois foram embora por entre as árvores. A Bruxa fez um pequeno aceno amigável com a cabeça para Dorothy, girou três vezes apoiada no calcanhar esquerdo e desapareceu imediatamente, para grande surpresa de Totó, que ficou latindo muito depois do desaparecimento, porque tinha medo de rosnar enquanto ela estava ali.

Mas Dorothy, sabendo que era uma bruxa, esperava que ela desaparecesse justamente daquele jeito, e não ficou nem um pouco surpresa.



COMO DOROTHY SALVOU O ESPANTALHO

Quando Dorothy ficou sozinha, começou a sentir fome. Então, foi até o armário e cortou algumas fatias de pão, nas quais passou manteiga. Deu um pouco a Totó, pegou um balde da prateleira, carregou até o pequeno riacho e encheu de água clara e brilhante. Totó correu para as árvores e começou a latir para os pássaros pousados nelas. Dorothy foi buscá-lo e viu, penduradas nos galhos, frutas tão deliciosas que pegou algumas, percebendo que era bem o que queria para melhorar seu café da manhã.

Então, voltou à casa e, tendo bebido e dado um pouco de água fresca e clara para Totó, começou a se aprontar para a jornada até a Cidade das Esmeraldas.

Dorothy só tinha mais um outro vestido, que por acaso estava limpo e pendurado num cabide ao lado de sua cama. Era de algodão, xadrez azul e branco; e, embora o azul estivesse um pouco desbotado de tantas lavagens, ainda era uma roupa bonita. A garota se lavou com cuidado, colocou o vestido limpo e amarrou sua touca cor-de-rosa na cabeça. Pegou uma cestinha e a encheu de pão do armário, pondo por cima um pano branco. Aí, olhou para seus pés e notou como seus sapatos estavam velhos e gastos.

– Certamente eles não vão servir para uma jornada longa, Totó – disse ela. E Totó olhou para o rosto da menina com seus olhinhos pretos e balançou o rabo para mostrar que entendia o que ela estava dizendo.

Naquele momento, Dorothy viu em cima da mesa os sapatos prateados que tinham pertencido à Bruxa do Leste.

– Será que vão me servir? – perguntou a Totó. – Seriam a melhor coisa para uma longa caminhada, pois não vão desgastar.

Ela tirou seus velhos sapatos de couro e experimentou os de prata, que serviram como se tivessem sido feitos para ela.

Por fim, pegou sua cesta.

– Venha, Totó – chamou. – Vamos à Cidade das Esmeraldas perguntar ao Grande Oz como voltar ao Kansas.

Ela fechou a porta, trancou e colocou a chave com cuidado no bolso do vestido. E assim, seguida por Totó com ar sério, Dorothy começou sua jornada.

Havia várias estradas por perto, mas não levou muito tempo para que ela encontrasse a que era pavimentada com tijolos amarelos. Em pouco tempo, estava caminhando a passos rápidos pelo pavimento duro e amarelo. O sol brilhava forte e os pássaros cantavam docemente, e Dorothy não se sentia tão mal quanto se poderia esperar de uma garotinha que de repente tinha sido arrancada de seu próprio país e jogada no meio de um território estranho.

Ela ficou surpresa, enquanto caminhava, de ver como a paisagem ao seu redor era bela. Havia cercas arrumadinhas dos dois lados da estrada, pintadas de um azul delicado, e, atrás delas, campos de grãos e vegetais em abundância. Evidentemente, os Munchkins eram bons fazendeiros, capazes de cuidar de grandes plantações. De vez em quando, ela passava por uma casa, e os moradores saíam para olhá-la e fazer reverência, pois sabiam que ela tinha sido a responsável por destruir a Bruxa Má e libertá-los da escravidão. As casas dos Munchkins eram habitações esquisitas, redondas e com um grande domo no teto. Todas eram pintadas de azul, pois naquele país do Leste, essa era a cor favorita.

No fim da tarde, quando Dorothy estava cansada de sua longa caminhada e começando a se perguntar onde devia passar a noite, chegou a uma

casa bem maior do que as outras. No gramado verde da frente, dançavam muitos homens e mulheres. Cinco pequenos violinistas tocavam o mais alto possível, e as pessoas estavam rindo e cantando perto de uma grande mesa cheia de frutas e castanhas deliciosas, tortas e bolos, e muitas outras coisas boas.

Todos cumprimentaram Dorothy com gentileza e a convidaram para jantar e passar a noite ali; aquela era a casa de um dos Munchkins mais ricos da terra, e seus amigos estavam reunidos para celebrar sua liberdade da servidão à Bruxa Má.

Dorothy teve um jantar reforçado e foi servida pelo próprio dono da casa, cujo nome era Boq. Então, sentou-se num sofá e observou as pessoas dançando.

Quando Boq viu os sapatos prateados dela, falou:

– Você deve ser uma grande feiticeira.

– Por quê? – perguntou a menina.

– Porque usa sapatos prateados e matou a Bruxa Má. Além do mais, tem branco na sua roupa, e só bruxas e feiticeiras vestem branco.

– Meu vestido é xadrez azul e branco – falou Dorothy, passando a mão para alisar os amassados.

– É muito gentil de sua parte usar isso – comentou Boq. – Azul é a cor dos Munchkins e branco, a das bruxas. Assim, sabemos que você é uma bruxa amiga.

Dorothy não soube o que responder a isso, pois todos pareciam pensar que ela era uma bruxa, e ela sabia muito bem que era só uma garotinha comum que, pela força do acaso de um ciclone, tinha chegado a uma terra estranha.

Quando ela se cansou de observar a dança, Boq a levou para dentro da casa, onde lhe deu um quarto com uma bonita cama. Os lençóis eram de tecido azul, e Dorothy dormiu neles profundamente até de manhã, com Totó aconchegado no tapete azul ao lado dela.

Ela tomou um café da manhã farto e ficou vendo um bebezinho Munchkin brincando com Totó, puxando o rabo dele e rindo de uma forma que divertia muito Dorothy. Totó era um mistério e tanto para todos, pois nunca tinham visto um cachorro antes.

– A Cidade das Esmeraldas fica muito distante? – perguntou a menina.

– Não sei – respondeu Boq, com seriedade –, pois nunca fui lá. É melhor ficar longe de Oz, a não ser que você tenha negócios a resolver com ele. Mas o caminho até a Cidade das Esmeraldas é longo e levará muitos dias. A terra aqui é rica e agradável, mas você passará por lugares duros e perigosos antes do fim de sua jornada.

Isso preocupou Dorothy um pouco, mas ela sabia que só o Grande Oz poderia ajudá-la, então decidiu corajosamente não voltar atrás.

Despediu-se de seus amigos e começou de novo a caminhar pela estrada de tijolos amarelos. Tendo percorrido diversos quilômetros, achou que poderia parar para descansar, então, subiu até o topo de uma cerca ao lado da estrada e se sentou. Havia um grande milharal adiante e, não muito longe, ela viu um Espantalho posicionado no alto de um poste de madeira, para manter os pássaros longe do milho maduro.

Dorothy apoiou o queixo na mão e olhou pensativa para o Espantalho. A cabeça dele era um pequeno saco cheio de palha, com olhos, nariz e boca pintados para representar um rosto. Um velho chapéu azul pontudo, que tinha pertencido a algum Munchkin, estava colocado em sua cabeça, e o resto do corpo era feito de um terno azul gasto e desbotado, também preenchido de palha. Nos pés, o Espantalho levava umas botas velhas com o topo azul, como calçavam todos os homens naquele país, e estava posicionado acima das fileiras de milho, apoiado no poste em suas costas.

Enquanto Dorothy olhava séria para o rosto estranho e pintado do Espantalho, ficou surpresa de ver um dos olhos dele lentamente piscando para ela. Achou, no início, que devia estar enganada, pois nenhum dos espantalhos no Kansas jamais piscara; mas logo a figura acenou com a cabeça de forma amigável. Então, ela desceu da cerca e andou até ele, enquanto Totó corria em volta do poste e latia.

– Bom dia – cumprimentou o Espantalho, com uma voz rouca.

– Você falou? – perguntou a menina, maravilhada.

– Certamente – respondeu o Espantalho. – Como vai você?

– Vou muito bem, obrigada – disse Dorothy, educadamente. – E como vai você?

– Não estou me sentindo bem – falou o Espantalho, com um sorriso –, pois é muito tedioso ficar empoleirado aqui noite e dia para espantar os corvos.

– Você não pode descer? – perguntou Dorothy.

– Não, pois este poste está colado nas minhas costas. Se você por favor puder tirá-lo, serei muito grato.

Dorothy esticou os dois braços e levantou a figura do poste, pois, sendo feito de palha, era bem leve.

– Muito obrigado – falou o Espantalho quando foi colocado no chão. – Sinto-me um novo homem.

Dorothy ficou confusa, pois lhe parecia estranho ouvir um homem de palha falar, fazer uma reverência e caminhar ao lado dela.

– Quem é você? – quis saber o Espantalho depois de se espreguiçar e bocejar. – E para onde está indo?

– Meu nome é Dorothy – disse a menina – e estou indo à Cidade das Esmeraldas para pedir ao Grande Oz que me mande de volta ao Kansas.

– Onde fica a Cidade das Esmeraldas? – questionou ele. – E quem é Oz?

– Puxa, você não sabe? – replicou ela, surpresa.

– Não. Na verdade, não sei nada. Veja, sou de palha, então, não tenho cérebro – respondeu ele, triste.

– Ah – disse Dorothy. – Sinto muitíssimo por você.

– Você acha – perguntou ele – que, se eu for à Cidade das Esmeraldas com você, esse Oz me daria um cérebro?

– Não sei dizer – respondeu ela –, mas você pode vir comigo, se quiser. Se Oz não lhe der um cérebro, você não vai estar pior do que agora.

– Isso é verdade – concordou o Espantalho. – Sabe – continuou, em confidência –, não me importo de minhas pernas, meus braços e meu corpo serem de palha, porque não posso me machucar. Se alguém pisa no meu pé ou me fura com um alfinete, não importa, porque não posso sentir. Mas não quero que me chamem de tolo e, se minha cabeça tiver um monte de palha em vez de um cérebro, como a sua, como vou saber das coisas?

– Entendo como você se sente – disse a garotinha, que estava verdadeiramente triste por ele. – Se vier comigo, pedirei para Oz fazer tudo o que for possível por você.

– Obrigado – respondeu ele, com gratidão.

Eles caminharam de volta à estrada. Dorothy o ajudou a passar pela cerca, e começaram a seguir o caminho de tijolos amarelos em direção à Cidade das Esmeraldas.

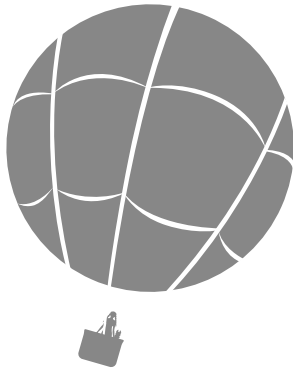
Totó, no início, não gostou daquela adição ao grupo. Cheirou o homem de palha como se suspeitasse haver um ninho de ratos ali dentro, e muitas vezes rosnava de forma nada amigável ao Espantalho.

– Não ligue para o Totó – recomendou Dorothy a seu novo amigo. – Ele nunca morde.

– Ah, não tenho medo – respondeu o Espantalho. – Ele não conseguiria machucar a palha. Deixe-me carregar essa cesta para você. Não me importarei, pois não me canso. Vou contar-lhe um segredo – continuou, enquanto caminhava. – Tem só uma coisa no mundo da qual tenho medo.

– De quê? – quis saber Dorothy. – Do fazendeiro Munchkin que o fez?

– Não – respondeu o Espantalho –, de um fósforo aceso.



A ESTRADA QUE CRUZAVA A FLORESTA

Depois de algumas horas, a estrada começou a ficar acidentada, e a caminhada se tornou tão difícil que o Espantalho até tropeçava nos tijolos amarelos, que aqui eram muito desiguais. Às vezes, estavam até quebrados ou faltando, deixando buracos sobre os quais Totó pulava e que Dorothy contornava. Já o Espantalho, não tendo cérebro, caminhava sempre em frente, e assim pisava nos buracos e caía nos tijolos. Nunca se machucava, porém, e quando Dorothy o levantava e o colocava de pé de novo, ele ria com ela de seus percalços.

As fazendas não eram nem de perto tão bem cuidadas aqui quanto eram lá atrás. Havia menos casas e árvores frutíferas, e quanto mais se afastavam, mais macabra e solitária a região se tornava.

Ao meio-dia, eles se sentaram à beira da estrada, perto de um pequeno riacho, e Dorothy abriu sua cesta e tirou um pouco de pão. Ofereceu um pedaço ao Espantalho, que recusou.

– Nunca tenho fome – disse ele –, e é uma sorte, pois minha boca é só pintada e, se eu cortasse um buraco para poder comer, a palha que me preenche sairia, e isso estragaria o formato da minha cabeça.

Dorothy logo percebeu que era verdade, então só assentiu e continuou comendo seu pão.

– Conte-me algo sobre você e o lugar de onde vem – pediu o Espantalho, quando ela terminou sua refeição. Então, ela falou tudo sobre o Kansas, como todas as coisas por lá eram cinza e como o ciclone a tinha carregado até aquela estranha Terra de Oz.

O Espantalho ouviu atentamente e disse:

– Não consigo entender por que você desejaria sair deste lindo país e voltar para o lugar seco e cinza que chama de Kansas.

– É porque você não tem cérebro – respondeu a menina. – Não importa quanto nossas casas sejam enfadonhas e cinza, nós, pessoas de carne e osso, preferimos viver lá a qualquer outro lugar, por mais lindo que seja. Não há lugar como nosso lar.

O Espantalho suspirou.

– É claro que não consigo entender – falou. – Se tivessem a cabeça cheia de palha, como a minha, vocês todos provavelmente viveriam em lugares lindos, e aí não haveria ninguém no Kansas. Sorte do Kansas vocês terem cérebros.

– Por que você não me conta uma história enquanto descansamos? – pediu a criança.

– Minha vida foi tão curta, que realmente não sei nada de nada. Só fui feito anteontem. O que aconteceu no mundo antes disso me é desconhecido. Por sorte, quando o fazendeiro criou minha cabeça, uma das primeiras coisas que fez foi pintar minhas orelhas, então, ouvi o que estava acontecendo. Havia outro Munchkin com ele, e a primeira coisa que escutei o fazendeiro dizer foi:

“Que tal essas orelhas?”

“Elas não estão alinhadas”, respondeu o outro.

“Deixa pra lá”, falou o fazendeiro. “São orelhas mesmo assim”, o que era verdade, afinal. “Agora, vou fazer os olhos”, disse o fazendeiro. Então, pintou meu olho direito e, assim que terminou, me vi olhando para ele e para tudo ao meu redor com muita curiosidade, pois era meu primeiro vislumbre do mundo.

“É um olho muito bonito”, comentou o Munchkin que estava observando o fazendeiro. “Tinta azul é a cor certa para os olhos.”

“Acho que vou deixar o outro um pouco maior”, comentou o fazendeiro. E, quando o segundo olho ficou pronto, consegui ver muito melhor do que antes. Aí, ele fez meu nariz e minha boca. Mas eu não falei, porque, na hora, não soube para que servia uma boca. Eu me diverti vendo-os fazer meu tronco, meus braços e minhas pernas; e quando amarraram minha cabeça, por fim, fiquei muito orgulhoso, pois achei que era um homem tão bom quanto qualquer outro.

“Este aqui vai espantar os corvos rapidinho”, disse o fazendeiro. “Está igualzinho a um homem.”

“Ué, ele é um homem”, falou o outro, e concordei com ele. O fazendeiro me carregou embaixo do braço para o milharal e me montou em cima de um poste de madeira alto, onde você me encontrou. Ele e seu amigo logo foram embora e me deixaram sozinho.

– Não gostei de ser abandonado daquele jeito. Então, tentei ir atrás deles. Mas meus pés não tocavam o chão e fui forçado a ficar naquele poste. Era uma vida solitária, pois eu não tinha nada em que pensar, tendo sido feito tão pouco tempo antes. Muitos corvos e outros pássaros voavam para o milharal, mas, logo que me viam, iam embora de novo, achando que eu era um Munchkin; e isso me agradava e me fazia sentir alguém muito importante. Logo, um velho corvo voou até perto de mim e, após me olhar atentamente, pousou em meu ombro e disse:

“Pergunto-me se aquele fazendeiro achou que iria me enganar desse jeito desastrado. Qualquer corvo de bom senso vê que você só está cheio de palha”. Em seguida, ele desceu até meus pés e comeu todo o milho que queria. Os outros pássaros, vendo que eu não fiz nada para impedir, também vieram comer o milho, então, em pouco tempo, havia um grande bando deles ao meu redor.

– Fiquei triste com isso, pois mostrava que, afinal, eu não era um Espantalho tão bom; mas o velho corvo me confortou, dizendo: “Se você tivesse cérebro na cabeça, seria tão bom quanto qualquer outro homem, e melhor que alguns. Cérebro é a única coisa que vale a pena ter neste mundo, não importa se você é um corvo ou um homem”.

– Depois de os corvos irem embora, pensei nisso e decidi que iria tentar conseguir um cérebro. Por sorte, você chegou e me tirou do poste e, pelo que diz, tenho certeza de que o Grande Oz vai me dar um cérebro assim que chegarmos à Cidade das Esmeraldas.

– Espero que sim – falou Dorothy com sinceridade –, já que você está tão ansioso por isso.

– Ah, sim; estou ansioso – devolveu o Espantalho. – É uma sensação muito desconfortável saber que se é um tolo.

– Bem – disse a menina –, vamos indo – e entregou a cesta para o Espantalho.

Agora, não havia cerca alguma ao lado da estrada, e a terra era árida e não cultivada. Perto da noite, eles chegaram a uma grande floresta, onde as árvores eram tão altas e próximas, que os galhos se encontravam por cima da estrada de tijolos amarelos. Era escuro demais embaixo das árvores, pois os galhos impediam a entrada da luz do dia; mas os viajantes não pararam e entraram na floresta.

– Se esta estrada entra, ela deve sair – disse o Espantalho – e, como a Cidade das Esmeraldas fica na outra ponta da estrada, precisamos ir para onde ela nos levar.

– Qualquer um saberia disso – falou Dorothy.

– Certamente; é por isso que eu sei – respondeu o Espantalho. – Se fosse preciso ter cérebro para descobrir, eu nunca teria dito.

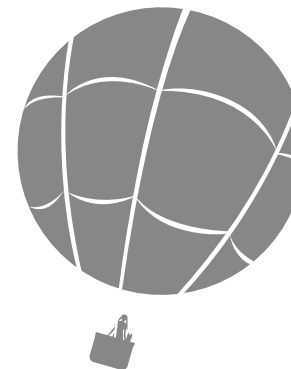
Depois de mais ou menos uma hora, a luz diminuiu e eles se viram tropeçando no escuro. Dorothy não conseguia enxergar nada, mas Totó, sim, pois alguns cães se viram muito bem no escuro; e o Espantalho declarou que conseguia ver tão bem quanto de dia. Então, ela segurou no braço dele e conseguiu seguir razoavelmente bem.

– Se você vir alguma casa ou lugar onde possamos passar a noite – alertou ela –, precisa me dizer, pois andar no escuro é muito desconfortável. Logo depois, o Espantalho parou.

– Vejo um chalezinho à nossa direita – avisou –, construído com pedaços de madeira e galhos. Devemos ir para lá?

– Sim, é claro – respondeu a menina. – Estou completamente exausta.

Então, o Espantalho a levou por entre as árvores até o chalé, e Dorothy entrou e encontrou uma cama de folhas secas em um canto. Deitou-se imediatamente e, com Totó a seu lado, logo caiu no sono. O Espantalho, que nunca se cansava, ficou de pé em outro canto, esperando pacientemente pela chegada da manhã.



O RESGATE DO HOMEM DE LATA

Quando Dorothy acordou, o sol estava brilhando por entre as árvores e Totó já estava há muito tempo caçando pássaros e esquilos. Ela se sentou e olhou ao redor. Lá estava o Espantalho, ainda parado pacientemente em seu canto, esperando por ela.

– Precisamos procurar água – disse ela.

– Por que você quer água? – quis saber o Espantalho.

– Para lavar meu rosto e tirar a poeira da estrada, e para beber, para que o pão seco não fique preso em minha garganta.

– Deve ser inconveniente ser feito de carne e de osso – comentou, pensativo, o Espantalho –, pois você precisa dormir, comer e beber. Mas você tem cérebro, e poder pensar direito vale muito o incômodo.

Eles saíram do chalé e caminharam entre as árvores até acharem uma pequena fonte de água clara, onde Dorothy bebeu, banhou-se e tomou seu café da manhã. Ela viu que não sobrou muito pão na cesta e ficou feliz de o Espantalho não precisar comer nada, pois mal havia o suficiente para ela e Totó passarem o dia.

Quando terminou a refeição e estava prestes a voltar à estrada de tijolos amarelos, ela se assustou ao ouvir um gemido profundo lá perto.

– O que foi isso? – perguntou timidamente.

– Nem consigo imaginar – respondeu o Espantalho –, mas podemos ir ver.

Naquele momento, outro gemido chegou aos ouvidos deles, e o som parecia estar vindo de trás. Eles se viraram e deram alguns passos pela floresta, quando Dorothy descobriu algo brilhando sob um raio de sol que passava entre as árvores. Correu até lá e parou de repente, dando um gritinho de surpresa.

Uma das grandes árvores tinha sido parcialmente derrubada e, ao lado dela, segurando um machado no ar, havia um homem feito todo de lata. A cabeça, os braços e as pernas dele se articulavam ao tronco, mas o homem estava completamente imóvel, como se não fosse capaz de se mexer.

Dorothy olhou maravilhada, e o Espantalho também, enquanto Totó dava latidos agudos e mordia as pernas de lata, fazendo doer seus dentes.

– Você gemeu? – perguntou Dorothy.

– Sim – respondeu aquele lenhador de lata –, gemi. Estou gemendo há mais de um ano e ninguém nunca me ouviu nem veio me ajudar.

– O que posso fazer por você? – indagou ela com gentileza, pois estava comovida com a voz triste do homem.

– Pegue uma lata de óleo e passe em minhas juntas – respondeu ele.

– Elas estão tão enferrujadas que não consigo movê-las; se eu estiver bem lubrificado, logo ficarei bom de novo. Você pode achar a lata de óleo numa prateleira no meu chalé.

Dorothy imediatamente correu de volta ao chalé e achou o óleo; então, retornou e perguntou, nervosa:

– Onde ficam suas juntas?

– Passe primeiro no meu pescoço – pediu o Homem de Lata. – Então, ela fez isso, e como ele estava bem enferrujado, o Espantalho pegou a cabeça de lata e a mexeu gentilmente de um lado para o outro até ela conseguir se mover livremente, e aí o homem pôde virá-la sozinho.

– Agora, passe nas juntas dos meus braços – disse ele. Dorothy fez isso, e o Espantalho as dobrou com cuidado até estarem quase livres da ferrugem, como novas.

O Homem de Lata deu um suspiro de satisfação e soltou o machado, que apoiou contra a árvore.

– É um grande alívio – falou. – Estou segurando esse machado no ar desde que enferrujei e fico feliz de conseguir finalmente soltá-lo. Agora, se puder passar óleo em minhas pernas, ficarei bem de novo.

Então, eles passaram o óleo nas pernas até o Homem de Lata conseguir movê-las livremente; e ele os agradeceu de novo por aquela libertação, pois parecia uma criatura muito educada e grata.

– Eu podia ter ficado parado ali para sempre se vocês não tivessem aparecido – disse ele –, então, com certeza salvaram minha vida. Como vieram parar aqui?

– Estamos a caminho da Cidade das Esmeraldas para ver o Grande Oz – respondeu ela –, e paramos em seu chalé para passar a noite.

– Por que querem ver Oz? – perguntou ele.

– Quero que ele me mande de volta ao Kansas, e o Espantalho quer que ele coloque um cérebro em sua cabeça – explicou a menina.

O Homem de Lata pareceu pensar muito por um momento. Então, falou:

– Você acha que Oz poderia me dar um coração?

– Bem, imagino que sim – respondeu Dorothy. – Seria tão fácil quanto dar cérebro ao Espantalho.

– Verdade – concordou o Homem de Lata. – Então, se permitir unir-me ao seu grupo, também irei à Cidade das Esmeraldas pedir a ajuda de Oz.

– Venha – disse o Espantalho calorosamente, e Dorothy completou que adoraria a companhia. Então, o Homem de Lata apoiou o machado no ombro e, juntos, atravessaram a floresta até saírem na estrada pavimentada de tijolos amarelos.

O Homem de Lata tinha pedido para Dorothy colocar a lata de óleo na cesta.

– Pois – disse ele – se eu tomar uma chuva e enferrujar de novo, vou precisar muito.

Era uma sorte ter aquele novo companheiro no grupo, pois, logo depois de retomarem a jornada, eles chegaram a um lugar onde as árvores e os galhos eram tão grossos em cima da estrada que os viajantes não conseguiam passar. Mas o Homem de Lata começou a trabalhar com seu machado e cortou a madeira tão bem que abriu uma passagem para todo o grupo.